

VERSÃO  EBOOK

Velas ao Vento

Poesias  Jane Pimentel 

méritos
editora

Velas
ao
Vento

Jane Pimentel

méritos
editora

© 2005, Méritos Editora Ltda.

Méritos Editora Ltda.

Rua Eduardo de Brito, 1086

Passo Fundo, RS, CEP 99025-280

Fone/Fax (54) 313-7317

Página na internet: www.meritos.com.br

E-mail: sac@meritos.com.br

Charles Pimentel da Silva
Editor

Maria Helena Severo
Revisão de Português

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

P644v Pimentel, Jane

Velas ao vento/ Jane Pimentel – Passo Fundo:
Méritos, 2005.
68 p.

1. Literatura brasileira 2. Poesia
I. Título

CDU: 869.0(81)-1

Catálogo na fonte: bibliotecária Marisa Fernanda Miguellis CRB
10/1241

Agradecimentos

*à Maria Helena Severo, pela disponibilidade
e carinho nas revisões;*

*ao Dr. Enio Oliveira, pela habilidade em
metaporizar o sabor do livro;*

à Suzete Sozinho, pelo apoio e incentivo;

*à Enilda Bemfica por sentir a alma do livro,
da mulher*

e

*à Confraria das Borboletas,
nossa irmandade.*

“A poesia é um suspiro sem destino.”

*Joaquim Monks,
poeta*

*Para todas as mulheres da
minha vida, ou não.*

*Em especial, à Olga Finardi
Pimentel, minha mãe, nascida de
imigrantes, meu primeiro
exemplo de mulher guerreira,
mágica na multiplicação
dos pães, astuta e corajosa,
timoneira hábil e amorosa
na difícil arte de conduzir
o barco, a vida.*

“A vida só é possível reinventada.”

Cecília Meireles



Meu verso
Não tem nome
Tampouco é batizado
Com as palavras tropeça
Como eu,
Só mais um
Brasileirinho.



Tudo o que fortalece
Dispara
Acontece no inesperado
No susto
Tudo o que aquece
Queima
Machuca
Estilhaça
Acontece na calmaria
No sono da tarde.



No desenho da boca
O riso é contorno
Do beijo.



Vou ao teu encontro
Pouco me importam
Meus cabelos revoltos
Mãos vazias
Os sete pecados capitais
O martelo da inquisição
Sou a bruxa insana
Corro para a fogueira
Delícia
Do teu fogo me consumirá.



O coração pulsa no
Ventre
Quando o corpo verga
Dispara no movimento
Da onda que vai e vem
Maré cheia
Incontrolável.



Como pássaros migratórios

Eles surgem

De becos

Vielas

Cantos e portas

Tortas

Sorrisos e

Corpos esguios

O cheiro

A isca

Homens

Meninos pássaros

Cantam baixinho

Oferecem

Exigem

Estrangeira de tantas terras

Me entrego

Me rendo.



A saudade
Faz a urgência
Das tuas mãos pedintes.



Danças comigo
Um bailado rebuscado
No salão de luzes
E sons
Escondida em teus braços
Sou sensibilidade
Além da dança
Sem pudor aprofundo o corpo
Teus músculos rijos
Teu cheiro de homem
Ultrapasso o ritmo.



Parada no vão da porta
Espreito teu sono
Respiras leve
Sobre a colcha dourada de luz
Entardecer
Gulosa te chamo baixinho.



Quero o poema erótico
Sem medo
Liberto
Quero a descrição perfeita
Movimento
Gozo e êxtase
Quero na página em branco
O sêmen.



Maldosa

A noite acordou o silêncio

Do quarto

Saudoso de ti

E de mim

Nossos gemidos e ais.



A penumbra
Contorna silenciosa
Desenha nuances
Aprofunda sombras no
Corpo imóvel
Felino
Só o desejo é ágil
Antecede ao bote
À posse.



Primeiro foram as curvas
Longos caminhos
Músculos
O gosto da língua
Na minha boca.

Depois
O pedido urgente
As tuas mãos
Ah, as tuas mãos.



Tarde insinuante
Quente
Tudo é lento
O abraço desliza nas minhas costas
Prende
Sou apenas murmúrio
Nesta cama de lençóis embaralhados
Meus olhos baços.



Uma clareira abriu-se
Quem praticou
O ato
Não saberei.

O que sinto
É esta fenda clara
Radiante
Expondo os sentimentos.



A mesa do bar
Esconde as nossas pernas
A boca que já provei
Tem gosto de vinho
Meus lábios são vermelhos
Somos nós
A tua mão
Nas minhas coxas
E o desejo que se abre
Como uma flor.



Quando te vejo chegar
Passos longos
Determinados
Sedutores
Os segundos que antecedem
São horas intermináveis.

Tenho medo
Do ponteiro
Parado
impedindo o andar
do tempo.



Lá fora
O mar é sussurro
Na brisa lenta do verão.

Aqui dentro
Neste quarto branco
As palavras entrecortadas
São arrepios deslizantes
Na grande cama
Dos apaixonados.



A tua boca de lábios
Carnudos
Nos meus
Pequenos e lisos
A fala morna
Rouca
O cheiro doce da tua carne
Morna
Sem restrições.



Como bailarinos
Siameses
Dançamos no asfalto
Madrugada
Irreal noite de lua cheia
Lascivos
Branços de luz
Sensual dança
Intróito da paixão
Transgressores
De face oculta
Entre rendas
Plumas e
Rimas sussurradas.



Havia no ar
Um encanto
Transparência sutil
De cores na
Vidraça
O breve perfume
Do amanhecer
Nós dois
Num só abraço.



Uma estranha melancolia
Chega entre uma hora e outra
Esfriando o dia
Parando o riso
Sutil
Inesperada
Uma sombra
Gelada
Roçando o coração.



O amor está suspenso no ar
Silencioso
Como o acróbata à
Espera do mortal.



As palavras foram
Escritas
Faladas
Montadas em prosa
Versos
Coloridas de preto e branco
Jogadas
Forjadas em bronze
Palavras eloqüentes
Doces
Ciumentas
Apaixonadas
Pedintes
Milhares de palavras
Enraizando promessas.

Palavras
Como fantasmas
Diluídas.



O sol mudou de rumo
E na casa silenciosa
Habita o medo
Que escondido nas sombras
Assustado
Espia o término do
Amor.



Furtivo movimento
Afasta o olhar
Estabelece o limite
Nada mais é impulso.

O andar premeditado
Caminha delicado
Abafando o ruído
A emoção.



Véus e máscaras
Cobrem
Modificam
Escondem verdades.

No baile de
Máscaras
Fica fácil
Coreografar.



Gris

Cinza ou gris?

Gris.

Som sibilante de

Beleza esfumaçada

Frio

Antigo tango.

Cidade gris

Guarda-chuvas errantes

Teus olhos gris.



Desenho um quadrado
Para o exercício
Confinado
O limite é a linha
Onde o sentimento pára.



Chegam devagar as
Desculpas
Quando te indago
Um bater de asas é o teu beijo
Em fuga
E nas horas em que te escondes
Caminho solitária.

Também te olho com o olho cego
do coração
Nosso amor não me desperta.

Furtivamente
Arrumamos malas
Discos
Gavetas
Limpamos cantos
Apagamos velas
Incensos
Batemos tapetes.

Covardes
Esperamos que a porta
Se abra.



O silêncio que antecipa
A noite
Se desfaz no
Balanço leve
Da rede
Como um barco
Na calmaria
Onde os sonhos
Não esperam mais
Velas ao vento.



Ensolarados dias
Da paixão
Janelas se abriam
Góticas
Para o vento entrar
Espudorado.



Ruas molhadas
Levam indiferentes
Meus pés de andar
Sem rumo.

Destino fatal
Afasta a tua quentura
Eu, que perdida
Te amei,
sou agora anoitecer.



Risco

O desenho é nada

Tento a palavra

Branco.



No lado esquerdo o armário
O casaco de corte antigo
um morto
Vestindo a camisa branca
No cabide torto.



Hoje te escrevo
A dor está na gaveta
Dos guardados.

Desmemoriada do teu nome
Sobrenome
Escrevo amor.



Lá longe
Onde a estrada faz a curva
Ficou o chapéu desabado
A mala
Rendas do leque
Andaluz.

Como bagagem
O cajado
Meu andar
Na terra fria.



No andamento
Do tempo
Somos carregadores de
Pretéritos.



Busco inspiração
Nesta árida noite
Onde um agosto de arrepios
Se arrasta
Por ruas abandonadas
Companheira do vento
Louca
Batendo de porta em porta.



Quem como eu
Suplica belas palavras
Metáforas
Lembre-se de Manoel Bandeira
E chore.



Existe uma estranha
Dentro de mim
Que nunca dorme.

Com seus longos cabelos
Caminha por corredores
Abre portas invisíveis.

Enluarada
Dedilha um bandolim prateado
Interminável música
Jamais ouvida.



Quando está vazio o lugar
Do pensamento
A emoção diluída
Inconsistente
Impossível é o movimento
O verso.



Empilhados em alfazema
Segredos
Dormem na caixa lisa
Escura
Como todas as coisas
Que passam
Dos suspiros e
Saudades.



Na lua cimentada
Dragão e cavaleiro
Lutam inmemorial duelo
Presos por mitologia
Acorrentados ao destino
Desterro eterno
Por vil capricho humano.



O retrato antigo
Amarelado
É indiferente
Não reconheço aqueles lábios
De sorriso triste
Está ali, pendurado
Paisagem
Mulher sem nome
Na parede
Silenciosa
Abandonada.



Bailas o tango
Solta
Entre refletores
Desfigurada.

Triste bailarina
És somente passado
Neste vestido brilhante
Apertado nas ancas
Do teu corpo antigo
Solitário.



Ando livre
Solta
Ao vento
Navego ao sabor das vagas
Prossigo.

Uma enseada azul
uma brisa morna
Doce
O amor já não detém
Ancorado no cais de
Antigas seduções.



Revelação!
Nesta manhã de
Amarelos
Laranjas outonais
Redescobri o prazer.



Ly Po II

O pequeno puma siamês
Sentado na beira da cama
Medita
Semi-abertos olhos azuis
Orientais
Um risco.

Pequeno puma
Guardião dos meus sonhos.



O raio
no olho do gato
Risca de azul.

Fogem os dois
Lá vem o trovão!



Com um suspiro de borboleta
O anjo dobra a esquina
Recolhe as asas.

Do lado de lá da rua
O humano
Não sente o movimento do ar
Perdido no desalento
Na solidão da cidade
Incomunicável.

O anjo
Olha o homem e
Chora.



Teu rosto em preto e branco
No papel brilhante
Colado atrás da porta
Do quarto de primavera
Onde eu dormia
Meus sonhos
Na tua boca de desejo
Marlon Brando.



Sentada na
Pedra de limo e
Água
Penteia os brancos cabelos
Ao luar.

No limiar
Entre o real e o
Imaginário
Olhos de névoa
Como Penélope
Espera.

O mar indiferente
É eterno
A mulher
Passageira.



Tenho um pássaro inquilino
Todas as noites
Acomoda suas penas
No minúsculo
Insólito ninho.

Eu, honrada
Apaixonada
Por tão belo
Nobre companheiro.



Poderia ter sido
Um esplêndido dia
Louco
Único!
Poderia ter sido
Êxtase
Entrega
Dádiva
Poderia...

Uma única palavra
Mudou o dia
Desfigurou a paisagem
Deixando tudo
Básico
Pão com manteiga
Feijão com arroz
Um grande dia.



Rosa

Que de tão rosa

Absorvo a cor

A maciez

O cheiro.

Inconsciente

Vou despetalando

Deformando a estrutura

Que aos meus pés cai

Desfigurada.

Mesmo que mãos

Frias e duras

Tentem morrer a rosa

Rosa continuará.



Abrir os braços
Acariciá-la
Foguetes na sua chegada
Receber o beijo
E
Cantar para
O instante
Breve
Que chamamos
Felicidade.



Dia de fluir
O pensamento
Andar
Dobrar esquinas
Inesperadas
Retas e curvas
Espiar frestas
Fechaduras
Despencar ladeiras

Dia de ouvir macacos
Pentear estrelas
Chupar o limão
Verde
Cantar o poema
Federico Garcia Lorca!



Na janela aberta
A cortina voa
Borboleta prateada
Transparente.

Delicado perfume
Violeta e
A mulher solta na cama
De cabeceira alta.

Na boca
Um suspiro
Pássaro trêmulo
Em busca do dia.



Velas

Velas

Velas, velas, velas

Ao vento.

Falou o poeta

“Devemos todos navegar!”

Velas

Velas

Velas ao vento

Velas

Velas navegar

Navegar ao vento

Velas

Velas

Vento e velas

Velas ao vento!

*“ Dificil falar de poetas; eles vivem nas nuvens.
Dificil falar de poetas; eles contam estrelas.
Dificil falar de poetas; eles sentem mais do
que pensam.
Jane, minha amiga, é uma poeta.*

*Ela brinca com as palavras com a delicada
suavidade do adejar das borboletas.
E é dessa forma que vai nos transmitindo
sentimentos, desejos, uma visão do mundo.*

*Seu erotismo, antevisto entre os sete véus de sua
feminilidade, inspira, excita e incita às fantasias.
Nele não há surpresas chocantes ou durezas que
repugnem; suavemente se adona de quem lê,
envolvendo-o na doce aura do amor.*

*Ler Jane Pimentel é compartilhar de sobremesas,
aquelas feitas por nossas avós: pudim de laranjas,
doce de ovos moles, torta de morangos com
merengue.*

Ler Jane Pimentel dá água na boca.”

*Enio Albuquerque de Oliveira,
médico, escritor*

méritos
editora
www.meritos.com.br

ISBN 85-89769-09-7



9 788589 769099